WILLIAN DIAS DOS SANTOS

PENSARES E DEVANEIOS DE UM SOBREVIVENTE

SUMÁRIO

1.PENSARES E DEVANEIOS DE UM SOBREVIVENTE..... 1
2.RETORNANDO AO INÍCIO..... 1
3.SÓ LIDA UM ... EU COMIGO MESMO!!! 10
4.O AMOR É MATEMÁTICA 10
5.DIÁLOGO COM O EGOCENTRISMO 11
6.SAUDADE 13
7.CICATRIZES 13
8.CATARSE 14
9.SEXTA-FEIRA 13 15
10.O ACONTECER ESTÁ EM MIM 16
11.ALFA, NÓS E ÔMEGA 17
12. NEM O PASSADO, NEM O FUTURO.....19
13. SE ESTIVER DIFÍCIL, PERSISTA.....19
14. SOBRE OS PRAZERES DA SIMPLICIDADE E EQUILÍBRIO 20
15. NAMORO DE SI MESMO 22
16. DOCUMENTÁRIO QUE TRATA SOBRE A EXISTÊNCIA DE UM 22
CRIADOR INTELIGENTE
17. ORAÇÃO DA SERENIDADE 22
18. ALICE 23
19. ARTIGO DO SITE IG SOBRE OS TIPOS DE PESSOAS 23
(DIURNAS OU NOTURNAS) VALE A PENA CONFERIR!
20. TUDO PASSA - CIIICO XAVIER 23
21. POESIA COM RAPADURA 25
22. SOBRE AS EMOÇÕES DA REALIDADE.....25
23. ANTES AJUDA, QUE SOCORRO! 26
24. GRATIDÃO 26
25. VIVENDO O INSACIÁVEL 28
26. O NADA 29
27. CARNIS LEVALE 30
28. SAA - SÍNDROME DE AMOR AGUDO 30
29. UM MILAGRE, SOU! 31
30. VIVER, SONHAR E IR ALÉM 31
31. SINCERAMENTE 32
32. PASSADO - PRESENTE - FUTURO.....32
33. NAVIO NEGREIRO 33
34. ENSINO ESPECIAL 34
35. BORA MEXER O DOCE 35
36. AGRADECER 35

1. PENSARES E DEVANEIOS DE UM SOBREVIVENTE

Meu trabalho artístico iniciou-se aos doze anos de idade, ao passo que fazia cursos de desenho, pintura, argila e teatro. Nasceu então o meu fascínio pelas artes. Hoje sou licenciado em Artes, Especialista em Ed. Especial e Inclusiva, Mestre em Artes, Pedagogo, Doutorando e, amante da leitura, meu ofício, família, natureza, animais de estimação, culinária brasileira/japonesa/italiana e alguns hobbies como desenhar, pintar, criar poemas e adepto aos esportes, ao Espiritismo e as coisas do Alto.

2. RETORNANDO AO INÍCIO

Assim como Marcelo Sabbatini, não pretendo retornar a algo distante na história da humanidade bem como à Grécia Antiga e nem a outro lugar tão distante que sejam necessárias muitas pesquisas ou referenciais acadêmicos. Pretendo aqui apenas narrar minha história no intuito de refletir sobre minha vida e os desejos e acontecimentos que me fizeram chegar até aqui. Para isso, tenho contado com a ajuda de minha mãe e documentos no auxilio desses dados.

Nasci na manhã do dia 13 de julho de 1987 no hospital São Vicente de Paula em Cajuru, no estado de São Paulo. Conta minha mãe que eu era prematuro nascido no oitavo mês de gestação pesando apenas 1,920kg, motivo no qual levou eu ter ficado durante quinze dias em uma incubadora no mesmo local. Nesta época meu pai trabalhava em uma indústria desta mesma cidade onde era metalúrgico e minha mãe, que também era funcionária da empresa havia deixado o trabalho por conta da gravidez. Acontece que me encontrava muito debilitado naquele hospital, então ela preferiu assinar um termo de responsabilidade e cuidar de mim em casa. Como era seu primeiro filho, contou com alguns vizinhos para que a ajudasse a cuidar.

Logo que nasci minha mãe era manicure em casa. Quando fui crescendo, ela precisou voltar a trabalhar na colheita de café para ajudar no orçamento de casa. Desde muito cedo eu fiquei aos cuidados de vizinhos da confiança de meus pais.

Com cinco anos de idade meus pais resolveram me colocar na Creche Municipal Nossa Senhora Aparecida, onde tive meu primeiro contato com a escola. Tenho pouca recordação desses fatos, vagamente recordo que foi nessa época em que meu irmão nasceu. Lembro com muito carinho da professora da pré-escola, “tia” Maria Helena, que

até hoje a chamo assim. Quando nos encontramos ela sempre me lembra sobre meu comportamento, diz que eu não parava quieto e gostava de conversar. Em certa ocasião ela pediu para que minha mãe me levasse a um psicólogo para que pudesse conversar e saber de onde vinha aquele meu comportamento agitado. Atitudes que deveriam ser rotineiras nas escolas de ensino infantil daquela época. Conta minha mãe fez o que a professora pediu, mas a psicóloga disse que não havia nada de errado que eu era uma criança curiosa, apenas. Mesmo na dúvida minha mãe diz ter me levado a Ribeirão Preto/SP para realizar um eletroencefalograma com mapeamento, onde também nada constatou.

E realmente, eu era inquieto. Em casa desde muito novo, adorava brincar de fazer experiências com canetinhas hidrográficas, confeccionar minha árvore de natal todo ano, desenhar com pedaços de tijolo na rua, pular corda, amarelinha, caracol, andar de bicicleta, brincar de argila perto de casa ao lado de minha casa, entre outras brincadeiras que meus pais permitiam. Lembro-me bastante disso.

Quando ia para o sítio onde meus avós maternos moravam, todos me deixavam a vontade. Brincava com os animais, fazia comida de "mentirinha" como minha prima, a gente apanhava frutas da época, nadávamos no bicão d'água. Essas rotinas nos fins de semana se deram assim por muitos anos.

Entre os anos de 1994 a 2001, estudei o ciclo I e II na Escola Estadual Dr. Messias da Fonseca. Desde então sempre tive boas notas, mas era um tanto indisciplinado, meus pais às vezes eram chamados à escola, principalmente quando estudei no período da tarde. Pois como os professores mesmo diziam:*"O Willian é inteligente, mas não pára quieto"*Eles contam que só melhorei esse meu comportamento quando fui transferido para o turno da manhã, na 4ª série. Nesta época me destacava principalmente nas aulas de Educação Artística (Artes), onde desde então era orientado e incentivado pela professora Vânia Moherdaui Abdala, da qual guardo um apresso e admiração. Ela sempre solicitava minha ajuda e designava funções em suas aulas. Eu adorava. Lembro-me de certa ocasião que ela desenhou a mão livre um círculo (na lousa ou em uma folha – não lembro ao certo), fiquei muito surpreendido e exclamei: "*Olha lá: Dona Vânia mão de compasso"*. Achei muito interessante aquela habilidade. Recordo-me com muito carinho de uma viagem que minha turma e eu

fizemos para Batatais e Brodowski no interior de SP onde conhecemos as obras e o Museu Casa de Portinari. Foi uma das melhores viagens que havia feito até então.

Eu e meu irmão crescemos juntos com uma diferença de idade entre nós de quase cinco anos. Durante essa época, tivemos várias companhias que cuidavam da gente e que nos levava pra escola. Pois minha mãe e meu pai ainda trabalhavam fora. Minha tia Rosa (irmã de meu pai) vinha sempre de São José do Rio Pardo (onde morava grande parte da família de meu pai, inclusive meus avó paternos)pra ficar temporadas com a gente, ela nos contava muitos contos de fadas, assistíamos desenhos animados juntos, ouvíamos (ainda nos rádios de vinil) músicas da Xuxa, Mara Maravilha e balão mágico. Juntos a gente vivia inventando "moda", brincando e cuidando de casa. Lembro também que minhas primas Renata e Joselaine sempre estavam lá em casa, porque gostavam de estar com a gente. Quando minha mãe estava em casa, aproveitava também para assistir televisão com a gente, às vezes íamos à praça, na casa de parentes. Eu adorava ajudar minha mãe a preparar suas receitas e o bom é que na maioria das vezes ela permitia. Aliás, ela e meu pai desde cedo me incentivavam a estudar, claro que minha mãe sempre acabava apoiando minhas ideias criativas. Isso era ótimo.

Eu e meu irmão brincávamos com os sacos de toquinhos de madeira (tipo lego) que meu pai conseguia. Onde a gente morava era alto e fazíamos paraquedas com sacolinhas para os bonecos que tínhamos.

Mais tarde, na ausência dos meus pais que precisavam trabalhar, eu cuidava do meu irmão e da casa. Vivíamos inventando comidas e preparando surpresas pra quando meus pais chegassem do trabalho. Fazíamos festas temáticas, (halloween, aniversários para eles), preparávamos comidas (desde macarrão caseiro a bolos, torradas em forma de pizza, etc). Tudo era motivo para comemorarmos e chamarmos a atenção.

Quando estava na 6ª série no ano de 1999, soube por uma amiga que a Casa da Cultura de Cajuru estava oferecendo vários cursos, dentre eles desenho, escultura, violão, entre outros. Falei sobre os cursos para minha mãe e ela incentivou. Na época comecei a fazer o curso de desenho e também de esculturas em argila. Meu irmão se matriculou na aula de violão, que ficava no mesmo prédio. As tardes eram muito mais legais, o professor Roberto Bergámo (artista da cidade de Batatais) propunha várias atividades, desenhávamos de ponta cabeça, fazíamos autorretratos, ele tinha várias pastas catálogos com imagens onde escolhíamos modelos e ele também sugeria,

pensávamos juntos, fazíamos esculturas e levávamos ao forno para depois pintar e finalizar. Meu irmão vendo como era legal aqueles momentos, também foi se interessando e logo também começou a fazer o curso comigo.

Nesta época minha mãe parou de trabalhar para fora de casa e decidiu ficar mais presente com a gente. Ela voltara a ser manicure em casa. Minha indisciplina na escola já não era a mesma e havia melhorado. Então, além do curso de desenho e argila, comecei a ter outros interesses no contraturno. Comecei a fazer aulas pintura em tela; datilografia, percussão de instrumentos, jardinagem e judô. Todos eles oferecidos pela prefeitura de Cajuru.

Lembro-me que vendo meu interesse nas aulas de pintura, minha mãe comprou um kit de do Senhor Benjamim Andrade, amigo de velhas datas,onde ela parcelou na época em algumas prestações. Neste kit tinha cavalete de pintura, tintas a óleo e acrílica, pincéis, palheta, terebintina, algumas telas, entre outros aparatos. Eu adorei, pois antes de ter uma tela "comprada" eu havia feito a minha primeira tela com estrutura feita de ripas, pregos e saco de chão.

Márcia, nora do Senhor Benjamim, sabendo de minha aptidão pelo desenho, me trouxe uma caixa de lápis de cor aquarelável de vinte e quatro cores de São Paulo onde ela morava. Aquilo era novidade, eu adorei. Sempre que ela e sua família chegavam da cidade, eu fazia questão de abrir minha pasta de desenhos e mostrar-lhes o que havia produzido.

Por conta do judô, acabei participando de várias viagens para campeonatos no sul de Minas Gerais. Conquistei o título de tricampeão sul mineiro de judô. Na época minha cidade foi sede de um torneio onde acabei por ganhar, e meus pais vendo meu entusiasmo, me deram de presente um kimono trançado. Nunca me esqueço desse dia.

Estava sendo construída uma nova Casa da Cultura, e todos aguardavam ansiosos para o começo no novo espaço. Quando ele foi inaugurado, continuei fazendo aulas de desenho, mas desta vez, quem coordenava o curso era o Diretor Artístico da cidade, Dino Bernardes.

Ainda no ensino fundamental expus meus quadros no salão da biblioteca da escola, orientado pela professora Vânia. Dentre as obras estava minha primeira tela feita de saco de chão.

Uma amiga havia começado a fazer teatro na Casa da Cultura. Eu nem dei muita atenção porque apesar de tudo eu era tímido, estava entrando na adolescência e até havia comentado com minha mãe que às vezes minhas pernas até travavam quando cruzava com as pessoas na rua. Enfim, não dei muito ouvido a minha amiga neste momento.

Meus pais decidiram que iríamos mudar para uma casa no mesma rua em que morávamos. Meus avôs maternos tinham mudado para a cidade, e minha mãe no intuito de que meu avô não precisasse mais trabalhar na roça decidiu abrir um comércio que ficava próximo a nossa nova moradia. Eu ajudava meu avô e confesso que foi a época em que mais nos aproximamos. Foi lá que eu tive minha primeira experiência com o trabalho de atendimento ao público.

Certo dia, saí do judô e passei na Casa da Cultura para esperar essa minha amiga que fazia aula de teatro. Fiquei sentado esperando a aula terminar e naquele dia, não lembro como, despertou em mim o interesse em participar. Recordo-me que eles estavam ensaiando uma adaptação de poesias, dentre elas uma poesia do Manuel Bandeira – Trem de ferro, com o professor João Paulo.

Depois desse momento, entrei na aula de teatro onde fiz muitos amigos, nos divertíamos com os jogos teatrais. Tive minhas primeiras experiências como ator, todo ano havia uma Mostra de teatro organizada pela secretaria da cultura da cidade, que contratava profissionais do teatro para que durante aproximadamente três meses eles montassem peças nas cidades vizinhas para que depois apresentassem em Cajuru. Era tudo muito mágico. Realizamos apresentações de contação de poesias e peças em eventos nos bairros da cidade. Por aproximadamente três anos esse grupo em que fiz parte só me trazia crescimento e conhecimento.

Já não eram mais apenas desenhos que mostrava para os amigos de São Paulo. Eu e meu irmão (que também passou a fazer teatro comigo) apresentávamos teatro de fantoches feitos de papel improvisados atrás de cadeiras e lençóis.

Com o Dino Bernardes, também aprendi a fazer bonecos com a técnica da papietagem. Ficava observando como ele criava os figurinos e cenários para as nossas apresentações. Aprendíamos a realizar também as nossas próprias maquiagens nas aulas de teatro. Eu e meus amigos, já não tínhamos receio de usar as combinações de roupas

diferenciadas que gostávamos. Explorávamos as cores de meias, duas camisetas de cores diferentes, os penteados no cabelo, etc.

Depois da experiência no comércio com meu avô, comecei a trabalhar como garçom em uma lanchonete durante as madrugadas dos fins de semana.

Eu frequentava um grupo de jovens da igreja católica chamado JAC (Jovens Adoradores de Cristo).Participava de gincanas onde organizávamos apresentações de teatro, desfiles e jogos. Também ia ao grupo de Oração do bairro. Esses não foram meu primeiro contato com a igreja, desde pequeno ia à missa, e também fiz a catequese e a crisma. Era muito incentivado por uma senhora da qual também carrego muita admiração, Dona Alice de Oliveira. Mais abaixo falarei sobre ela.

Não posso esquecer de que desde muito criança dançava quadrilha na tradicional festa "Julhina" do meu bairro. Passávamos dias recolhendo mantimentos e no dia da festa todos se juntavam para decorar a rua. Em certa ocasião, ensaiei as crianças para a quadrilha infantil.

O tempo foi passando e em 2002 fui estudar o Ensino Médio na Escola Estadual Galdino de Castro no período da manhã. A Professora de Arte Mara Correia já havia conhecimento sobre minhas habilidades artísticas e sempre apoiava minhas criações e me confiava trabalhos para exposições na escola. A professora "Cidinha Nasser" incentivava para que eu recitasse poesias na sala de aula e até em eventos da cidade.

Saí da lanchonete e minha mãe decidiu comprar um carrinho de cachorro quente para trabalhar na porta de nossa casa. Trabalhávamos juntos.

Logo depois, ela conseguiu arrumar um projeto da prefeitura chamado Parceiros pela Paz, em que me auxiliava com uma bolsa mensal. Parei de trabalhar com ela e comecei neste projeto no período da tarde em uma oficina de marcenaria. Lá, eu era dispensado nos dias em que tinha aula de teatro. Durante o tempo que estive lá, aprendi a fazer caixinhas de madeira e até esculpimos um presépio em madeira que participou de um concurso da cidade em que ganhamos a 3ª colocação. Desta oficina logo fui transferido para trabalhar na Biblioteca da Casa da Cultura de Cajuru onde ajudava a Dona Alice de Oliveira a catalogar e restaurar os livros, realizar empréstimo e continuava fazendo teatro.

Também voltei a pintar telas, desta vez no Ateliê da Dona Maria Angélica.

Fui convidado como voluntário a dar aulas de pintura em tela nas tardes de domingo em um programa chamado Parceiros do Futuro que acontecia aos fins de semana na escola em que eu estudava.

Em 2004, estava terminando o terceiro ano do ensino médio à noite, pois eu trabalhava na Casa da Cultura em período integral.

Meus pais voltaram para a antiga casa. Foi no fim deste mesmo ano que tivemos a notícia do fim do curso de teatro e que a mudança na administração política da cidade eu ficaria desempregado.Em busca de melhores oportunidades, me mudei com alguns amigos para Ribeirão Preto, no próximo ano. Lá consegui um emprego de operador de caixa, onde tive meu primeiro registro em carteira. Houve uma seleção para um curso livre de teatro oferecido pela ONG Ribeirão em cena e fui aprovado. Mas nessa mesma época havia sido selecionado em um cursinho pré-vestibular noturno na FEA/USP. Pensando no vestibular, achei melhor optar pelo cursinho e me preparar na busca pelo ensino superior. Desde então eu sempre frequentava peças de teatro.

Soube por intermédio do Dino Bernardi que iniciaria na cidade o primeiro curso de licenciatura em Artes do Centro Universitário Moura Lacerda, com primeira turma iniciando em 2006.

Fiquei muito entusiasmado e decidindo com meus pais, fiz o vestibular e ingressei no curso de Artes.

Logo no começo do curso já não trabalhava mais como operador de caixa, eu já havia saído e trabalhava em uma biblioteca de uma escola municipal como estagiário. Sabendo que na Diretoria de Ensino estavam à procura de alunos de Arte para realizar inscrição como professora do estado, fiz a minha inscrição e logo nos primeiros meses de faculdade comecei a dar aulas em uma escola como professor. Não era fácil, mas eu precisava manter meus estudos e foi a melhor opção na época.

Assim que comecei, logo foram abrindo novas possibilidades. Trabalhei em escolas particulares de ensino fundamental; dei aulas de pintura e desenho em oficina de Arte; realizei bonecos, máscaras e adereços para companhias de teatro; ministrei oficinas de bonecos e adereços no SESC; etc. No fim de 2007 realizei um concurso para

PEBII-Arte do estado e passei, mesmo sendo estudante tive orientação que iria dar tempo de concluir a faculdade.

Logo, o excesso de aulas e o peso das responsabilidades começaram a pesar. O relacionamento com os companheiros da república já não era o mesmo. O estresse do dia a dia começou a pesar. No fim de 2007 contrai uma meningite viral e fiquei internado por 16 dias no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Em 2008 eu trabalhava em seis escolas sendo elas em três cidades. Eu ainda estudava a noite na faculdade. Já estava ficando deprimido com todas essas situações de estresse.Neste mesmo ano passei a ser estável como professor de Arte, através da lei 1010/07(500/74-FCAO NAT. PERM.).

Nos fins de semana, quando saia com a galera da faculdade ou outros amigos, comecei a beber. Foi quando em uma festa rotineira em um sitio, vi um pessoal cantando e festejando. Achei divertida aquela "galera animada" e fui conferir. Foi aí que usei pela primeira vez a maconha. Foi só o começo.

Nesta época, resolvi sair do apartamento onde morávamos e ir morar sozinho. O que não ajudou muito, pois logo comecei a usar mais. Fui convidado a morar com um casal de amigos para tentar terminar aquele ano. Não adiantou. Eu já não tinha controle. Neste meio tempo tranquei a matricula na faculdade. Foi quando me chamaram para assumir o concurso e não pude assumir porque não estava formado.

Nesta época tive um surto psicótico por consequência de tudo o que estava vivendo na época. Foi terrível. Retornei para minha casa em Cajuru e tive que entrar em licença saúde para realizar um tratamento psiquiátrico. Aos poucos fui reestabelecendo. Meu médico e minha mãe me incentivaram a voltar para o último semestre do curso de Arte.

Em meu trabalho de conclusão de curso quem me orientou foi o Dino Bernardes, onde discorri sobre o teatro de animação e seu desdobramento nos espetáculos da Cia. Cornucópia de teatro.

Terminei a faculdade e voltei a trabalhar. E a vida seguiu tranquilamente.

Em 2011, passei no processo seletivo PEBI-Arte da cidade de Altinópolis/SP, e trabalhei o primeiro semestre com professor de Arte, acumulando a estabilidade funcional em horas permanências na cidade de Ribeirão Preto. No segundo semestre,